

A “Verwerfung” e sua Incidência na Clínica das Psicoses

The “Verwerfung” and its Impact on the Clinical Psychosis

Fernanda Mara da Silva Lima, Alyne Camargo de Mattos, Shirley Cavalcante de Lima

Resumo

O presente artigo tem por objetivo trabalhar o conceito de “Verwerfung” a partir da leitura do texto freudiano e da obra de Jacques Lacan. Nossa proposta é percorrer o Seminário das Psicoses de Jacques Lacan, bem como a obra de Freud no que diz respeito à construção de uma teoria das psicoses. A nossa questão é o que isso representa para a clínica psicanalítica e desta forma buscamos estabelecer uma articulação possível entre teoria e a clínica das psicoses.

Palavras-chave

Verwerfung; psicanálise; clínica.

Abstract

This article comes to work with the concept of “Verwerfung” from the reading of Freud’s text and Lacan’s work. Our proposal is to run the Lacan’s Seminar of Psychosis, and Freud’s works as well. Our question is what this means for the psychoanalytic and with this, we try to establish a link between the theory and the clinic of psychosis.

Keywords

Verwerfung; psychoanalysis; clinic.

Fernanda Mara da Silva Lima

Universidade Federal de São João Del Rei

Psicóloga. Especialização (Residência) em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (2004) e Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Atualmente é Professora Substituta da Universidade Federal de São João Del-Rei e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicanalista da Escola Letra Freudiana.

femandamaralima@yahoo.com.br

Alyne C. de Mattos **Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro**

Especialização em Assistência ao Psicótico pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Psicanalista da Escola Letra Freudiana. Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

lycmattos@gmail.com

Shirley C. de Lima **Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro**

Especialização em Saúde Mental pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Psicanalista Participante da Escola Letra Freudiana. Psicóloga da Secretaria Municipal de saúde do Rio de Janeiro.

shirleylima2003@yahoo.com.br

O presente artigo tem por objetivo trabalhar o conceito de *Verwerfung* a partir da leitura do texto freudiano e da obra de Jacques Lacan e sua incidência na clínica psicanalítica.

Apostamos numa articulação possível entre a teoria e a clínica da psicose. Esta ideia se orienta pela afirmativa de Freud (1912 [1996]) de que em psicanálise a atividade de pesquisa e o tratamento coincidem. Seguindo nesta direção, encontramos correspondência em Lacan para esta assertiva de Freud. Vejamos a citação: “É então indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e o analista que esses efeitos teorizam” (LACAN, 1974-5, p. 5).

Neurose e psicose, embora de etiologias diferentes, passam a ser melhor estudadas em comparação uma com a outra. Tanto Freud quanto Lacan apontam que é na aproximação de ambas, que aparecem as relações, oposições e simetrias que nos permitem construir uma estrutura para a psicose.

Iniciaremos com esta pergunta: Pode-se falar de recalque nas psicoses? Para avançarmos nesta questão, vamos trabalhar a afirmativa de Jacques Lacan (1988), em seu O Seminário, Livro 3 de que na psicose o inconsciente funciona a céu aberto.

Lacan (1988, p. 77), em seu O Seminário, Livro 3, afirma que é só a partir do conhecimento que temos da importância da palavra na estruturação dos sintomas psiconeuróticos, que poderemos avançar no território das psicoses. Não dizemos que a neurose tenha a mesma origem que a psicose. Os mecanismos desta são diferentes dos mecanismos que habitualmente lidamos na neurose, principalmente no que se refere ao recalque. Partimos da premissa de Lacan que é preciso situar o conceito de recalque para pensar que ele está estruturado como um fenômeno de linguagem.

Freud (1915 [1996]) em seu texto de 1915, *O Recalque*, supõe que exista uma primeira fase que nomeia de recalque original, e que este tem por função a interdição do representante psíquico da pulsão de ser admitido no consciente. Esse recalque estabelece uma fixação e a partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá enlaçada a ele.

Uma segunda etapa é a do recalque propriamente dito. São as representações derivadas do representante do recalçado ou cadeias de pensamento que também estabelecem ligações associativas com esse representante. Devido a essa ligação, tais representações sofrem o mesmo destino do recalque original. Embora não seja correto afirmar que o recalçado mantém afastado do consciente todas as representações derivadas do recalque original.

Devemos indicar que Lacan afirma que o recalque na neurose é uma língua, uma outra língua que se fabrica com seus sintomas. “O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalçado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa” (LACAN, 1988, p. 21).

Se na neurose, há o retorno do recalçado, na psicose ocorre algo anterior a esta simbolização. Pois uma parte dela não é realizada. “Alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entra na simbolização, ou seja, não é recalçado, mas rejeitado”. (LACAN, 1988, p. 97). Aqui aparece o conceito de uma *Verwerfung* primitiva, que quer dizer que algo da relação do sujeito com o símbolo não foi possível de ser simbolizado e mais tarde vai aparecer no real. Vale lembrar que Lacan nesta época ainda não havia formulado o conceito de real, apesar de algo já apontar para este. Ele escreve: “A categoria de real é essencial ser introduzida, ela não pode ser negligenciada nos textos freudianos. Eu dou a ele este campo enquanto ele define um campo diferente do simbólico. E é somente aí que é possível aclarar o fenômeno psicótico e sua evolução” (LACAN, 1988, p. 98).

Retomemos esta frase: “Alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entra na simbolização, e seja, não recalçado, mas rejeitado” (LACAN, 1988, p. 97).

Freud (1925 [1996]), em seu texto de 1925, *Die Verneinung* (A negativa), aponta para o papel fundamental da função de juízo na constituição do sujeito “julgar é uma continuação, por toda a extensão das linhas da conveniência, do processo original através do qual o eu integra coisas a si ou as expelle de si de acordo com o princípio de prazer”.

A função de juízo (FREUD, 1925 [1996]; LACAN, 1954 [1998]) desemboca então em um ato conclusivo, o qual acarreta modificações definitivas ao aparelho psíquico. Essa função seria a de tomar duas decisões: atribuição e existência. A primeira decisão está articulada a *Behajung* e é definida como primeira afirmação. Esta não é outra coisa senão afirmar “(...) gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora (...)” (FREUD, 1925 [1996], p. 267) articulada como Freud afirma segundo o princípio do prazer. A *Behajung*, portanto marca a possibilidade de uma simbolização.

Quando dizemos que uma parte dessa simbolização primordial não foi realizada, é porque essa *Behajung* não foi possível de ser feita. A *Verwerfung* emerge numa região de não *Behajung*, de ausência de afirmação. Ou seja, nenhuma possibilidade de existência de juízo, nenhum rastro de juízo sobre a castração. Na constituição do sujeito, há, portanto, na origem a *Behajung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*. No interior dessa *Behajung*, essa simbolização primitiva terá diversos destinos, enquanto que a *Verwerfung* terá outro.

Essa simbolização, consequência da *Behajung*, está equiparada à lei, entendendo aqui que quando falamos de sujeito não podemos escapar de estarmos submetidos às leis da fala. Freud insistiu no complexo de Édipo, porque para ele a lei esta justamente ali desde o início, desde sempre. A sexualidade humana deve se realizar por meio e através desta lei.

É no interior dessa lei fundamental que se opera o registro da *Verneinung*, “que é da ordem do discurso e que concerne ao que somos capazes de fazer vir à tona por uma via articulada. O princípio de realidade intervém estritamente nesse nível (...). Trata-se não da atribuição do valor de símbolo, *Behajung*, mas do valor de existência” (LACAN, 1988, p. 101). É o juízo de existência que Freud vai articular em seu vocabulário e que se trata sempre de se reencontrar um objeto. Ou seja, o sujeito está sempre na busca do objeto de seu desejo, mas nada o conduz a ele. E jamais o reencontrará, senão um outro objeto que corresponderá de maneira mais ou menos satisfatória as suas necessidades. Nisso consiste o princípio de realidade.

Do que se trata quando falamos de *Verwerfung*? Trata se da rejeição de um significante primordial e que faltará desde sempre. Um processo de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. Ou seja, da cadeia. É a partir dessa não simbolização desse significante excluído que Lacan (1988) começa a pensar em algo que dê conta da produção das psicoses, e mais tarde ele vai formular o que nomeou de *Forclusão do Nome do Pai*, em O Seminário, livro 03.

Lacan se apropria do termo *forclusão*, que na linguagem jurídica, significa a perda de uma faculdade ou de um direito por não apresentar o recurso no prazo devido. De modo figurado, tem o sentido de excluir com força, impedindo a entrada. Eduardo Vidal em seu texto “*Verwerfung e/ ou forclusão*” nos lembra que o termo *forclusão* não é mecanismo, mas posição na linguagem, da ordem de um “não querer saber nada disso”. É mais que uma tradução. A *Verwerfung* é a rejeição de certos significantes que ficarão desde sempre fora do inconsciente, consistindo numa posição ativa do sujeito face ao insuportável. A *forclusão* não se reduz ao ato de rejeição, mas também a seu efeito, ao modo de aparição do real. Fala daquilo, que excluído do simbólico, (re) aparece a partir do real.

O psicótico sem dúvida está na linguagem, mas não podemos dizer que esteja inserido no discurso.

O estabelecimento do discurso comum, eu diria quase do discurso público, é um fator importante na função própria do mecanismo de recalque. Este depende em si mesmo da possibilidade de conciliar no discurso um certo passado da fala do sujeito, ligado como Freud sublinhou, ao mundo próprio das suas relações infantis (LACAN, 1988, p. 74).

O que é o fenômeno psicótico? Lacan em seu Seminário responde que é “a emergência na “realidade” de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema de simbolização – mas que pode em certas condições, ameaçar todo o edifício” (LACAN, 1988, p. 102).

O que se passa no momento em que o que não é simbolizado reaparece no Real?

Aparece sob o registro de uma significação que não vem de parte alguma, e que não remete a nada, mas uma significação essencial, que diz respeito ao sujeito. Nesse momento, põe-se certamente em movimento o que intervém a cada vez que há conflito de ordens, ou seja, o recalque (LACAN, 1988, p. 103).

Embora esta significação não se articule com outra, ela é primordial, uma vez que diz respeito ao sujeito. Este ponto é fundamental, pois remete ao trabalho do analista. Segundo Eduardo Vidal ao se referir a uma “reaparição a partir do exterior” afirma que “Acredito que é ali onde o analista é convocado a localizar, em cada caso, a questão do sujeito a produzir o sujeito em questão” (VIDAL, 2005, p.152).

Por que será que o recalque não opera na psicose? Na neurose, quando algo de novo ocorre, isso é remetido a uma simbolização prévia, *Verneinung*. Por exemplo, em sua neurose infantil, ele encontra meios de se exprimir num certo número de sintomas. “Na psicose, quando o não-simbolizado aparece no Real há respostas do lado do mecanismo da *Verneinung*, mas elas são inadequadas. (...) O que se produz então tem o caráter de ser absolutamente excluído do compromisso simbolizante da neurose e se traduz em outro registro, por uma verdadeira reação em cadeia ao nível imaginário” (LACAN, 1988, p. 104). “O recalque na psicose, se sabemos ler Freud, reaparece num outro lugar, *in altero*, no imaginário, e aí, com efeito, sem máscara” (LACAN, 1988, p. 124).

O sujeito por não poder fazer uma mediação simbólica, substitui esta por uma proliferação imaginária nos quais se introduz de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, uma mediação possível, podendo esta estar relacionada aos formigamentos, às sensações corpóreas e aos fenômenos elementares. Embora, Lacan mesmo admita que não seja apenas do imaginário que se trata.

Do fenômeno elementar é importante caracterizar que não se refere à realidade dos fatos. Para a psicose, não é a realidade que está em causa, não se trata disso, mas da certeza.

A certeza não é abalada pelo fato de que a realidade de que se trata não é esta supostamente compartilhada. Trata-se da realidade psíquica.

Como é possível situar os fenômenos elementares das psicoses? Aquilo que não foi simbolizado retorna, mas não como recalado, e sim no real, e é assim que situamos as alucinações.

O simbólico dá aqui uma lei – a priori, e introduz um modo de operação que escapa a tudo o que poderíamos fazer surgir de uma dedução dos fatos no real (LACAN, 1988, p. 152).

É o retorno no real do que não fôra simbolizado.

(...) se o termo alucinação deve ser relacionado à transformação da realidade, é somente nesse nível que temos o direito de mantê-lo, para conservar uma certa coerência em nossa linguagem. O que assinala a alucinação é esse sentimento particular do sujeito, no limite do sentimento de realidade e do sentimento de irrealidade, sentimento de nascimento próximo, de novidade, e não qualquer uma, de novidade a seu uso que faz irrupção no mundo exterior (LACAN, 1988, p. 164).

Disso que aparece no real não é sem relação com o sujeito. De fato os fenômenos concernem ao sujeito, lhe dizem respeito.

Há aqui uma topologia subjetiva, que repousa inteiramente sobre isto, que nos é dada pela análise: o fato de que pode haver um significante inconsciente. Trata-se de saber como esse significante se situa na psicose (LACAN, 1988, p. 164).

A partir desta apresentação fenomenológica no real, nisto que comparece desde fora, podemos afirmar que o psicótico testemunha o inconsciente, no sentido de que o inconsciente se apresenta a céu aberto.

(...) poder-se-ia dizer, o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, que ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar (LACAN, 1988, p. 153).

Uma decifração se coloca do lado do trabalho clínico com neurótico, mas na clínica da psicose, a apresentação descoberta, ou como se diz a céu aberto prescinde de uma decifração. Já está posta em aberto, sem nada a decifrar.

Diante de toda nossa apresentação uma questão se coloca: qual o lugar do analista nesta clínica? Qual manejo possível para avançar no sentido da construção de uma direção apontada pelo lugar dado ao delírio do psicótico?

A psicanálise dá (...) ao delírio do psicótico uma sanção singular, porque ela o legitima no mesmo plano em que a experiência analítica opera habitualmente (LACAN, 1988, p. 153).

A fim de contribuir para a articulação entre os conceitos apontados e tentar responder a estas questões, compartilharemos aqui fragmentos do tratamento de um paciente psicótico jovem em acompanhamento num CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) – dispositivo de saúde mental voltado para o atendimento a portadores de transtornos mentais graves.

Com história de abertura do quadro a partir do uso de drogas na adolescência e após separação dos pais, o sujeito em questão auto-denomina-se como um “dependente químico com danos irreversíveis”.

Trazemos alguns pontos da fenomenologia do quadro que podem nos dar notícias dos efeitos da *Verwerfung* e da consequente *foraclusão do Nome-do-Pai* sobre este sujeito. Encontram-se presentes neste paciente alguns

sintomas à nível do corpo: fraqueza que alega à falta de vitaminas e alimentação adequada, sensação de corpo vazio muitas vezes preenchido pela droga, inflamação no reto e intestinos que produzem mau odor no ânus.

Resiste ao uso da medicação afirmando ser também uma droga, também causar dependência química. Alterna momentos de uso mais regular da medicação com outros de uso irregular. Relata efeitos ruins: fraqueza, não conseguir fazer as coisas durante o dia, inquietação. Teme ainda, o retorno de vivências ruins experimentadas ao utilizar outras drogas: alucinações visuais e auditivas, e intensificação dos sintomas paranoicos de auto referência e influência, que denomina de “processos de loucura”, além de atração homossexual e “práticas de prostituição”, que considera atos que denigrem sua imagem.

Apresenta também algumas peculiaridades na sua relação com a linguagem, discurso de difícil compreensão, e certos significantes utilizados de forma bastante singular como, por exemplo, “sentir estima baixa e não ter senseridade na usurpação”, “preciso de alguém para trocar as palavras”.

Identificava um problema que nomeava de problema na fala. Isso dizia respeito à certa dificuldade com o fato de que uma palavra pudesse significar várias coisas diferentes, o que o levava a não saber se expressar direito e também à não entender direito o que o outro falava. Queria saber o significado exato das palavras, aprendê-lo, tanto para conseguir expressar-se melhor em sua fala, quanto para entender o que o outro lhe falava. Isso nos remete ao testemunho do que Lacan chamou de dimensão do equívoco sempre presente na linguagem e traz a dificuldade apontada por este sujeito de articular-se no que Lacan chamou de “discurso comum”. Em discussão coletiva numa oficina dizia a outro participante – “entendi tudo o que você disse”, dando posteriormente uma interpretação não muito compartilhada pelo grupo.

Chamou-nos a atenção o fato de direcionar aos “neuróticos” sua busca por aprender como utilizar as palavras, sejam os profissionais da equipe ou os “neuróticos anônimos”, um dos grupos de ajuda mútua do qual participava. Sobre sua participação neste grupo, relata que “os neuróticos o ajudaram muito”.

Durante certo atendimento com a analista diz: “sinto um vazio. É como se faltasse uma palavra.” Que palavra seria esta? Acreditamos que esta fala aponte para algo da *Behajung*, dessa simbolização primitiva que parece ter faltado a este sujeito em algum ponto primordial.

Experimentava uma sensação de satisfação muito grande quando em determinados momentos do atendimento algo conseguia articular-se. Também gostava muito de conversar com uma psicóloga residente, pois afirmava que ela o entendia. Embora tanto ela quanto outros profissionais experimentassem certa angústia por não conseguir entendê-lo, e conseqüentemente não saber como intervir diante do que trazia.

Um desafio inicial colocado foi o de encontrar um lugar para isto que aparecia como desorganização. O movimento inicial foi o de construir uma referência para este sujeito no CAPS. A analista coloca-se disponível a escutá-lo toda vez que fosse ao serviço, o que possibilitou identificar naquele “discurso desorganizado” certa organização bem peculiar, da qual foi possível se aproximar na medida em que o escutava com certa regularidade e podia identificar em sua fala alguns significantes que se repetiam. “Abandono” – significante importante trazido por ele desde sua 1ª entrevista, quanto à separação dos pais, onde sua mãe decide “abandonar o marido” considerado por ela como tirano e controlador; também em suas tentativas de tratamento, estudo e trabalho onde se destaca como característica as descontinuidades, as interrupções. E é também dessa forma que chega e mantém seu tratamento no CAPS, de maneira descontínua, mas

onde certa regularidade se mantém nos atendimentos com a analista e com o psiquiatra, que, posteriormente, esta consegue incluir em seu tratamento.

Ao longo de seu tratamento foi construindo algumas tentativas frente a suas dificuldades.

Em determinado momento utilizou-se muito da Bíblia – nomeada por ele e pelos evangélicos em geral como “A Palavra”, ou seja, encontrar não uma palavra, mas “a” palavra, no seu sentido concreto, absoluto. Interessasse em particular por um personagem bíblico que possui seu nome e afirma ter feito descobertas sobre sua origem, seus antepassados.

Tivemos no CAPS uma estagiária de fonoaudiologia, por quem se interessou muito, pois tinha a expectativa de que pudesse lhe ensinar “táticas de palavra”, ou seja, como se expressar bem, utilizando as palavras certas, no sentido das palavras que realmente iriam expressar o que queria dizer.

Outra tentativa, particularmente estimulada por sua analista, foi pela via da escrita. Escrevia muito e gostava de recitar seus escritos publicamente. Este trabalho tinha um efeito importante, organizador para o sujeito - produzia certa permanência no que queria dizer. O escrito permite ser relido e reformulado, além do próprio ato de escrever ser um exercício de como colocar em palavras o que se quer expressar. Em muitos momentos seus escritos, ao serem relidos, eram reescritos, endereçados a alguém ou re-endereçados a outros.

Por fim, trazemos o relato de uma crise num momento importante de seu tratamento. É deste que emergem a céu aberto, como diz Lacan, alguns significantes importantes na direção da cura deste sujeito. Momento este: a substituição do seu médico por uma médica “mulher e mais jovem do que ele paciente”, as férias de sua analista e a resposta negativa da justiça com referencia a um processo onde solicitava a devolução de valores pagos ao INSS.

Sua crise consistiu em quebrar vidros e alguns objetos de mobília do CAPS. Logo após, inicia a construção de um delírio, onde identifica nos profissionais dois grupos: o dos “merecedores” e o das “patricinhas”. As personagens alvo de seu delírio são mulheres “fálicas”, poderosas, que tem carro, medicam; com destaque central para a diretora da unidade, mulher, que está em todos os lugares, eventos, que conhece todo mundo, que o “esculacha”, lhe dizendo coisas que o fizeram “se sentir ninguém” e que não intervém a seu favor no processo judicial, já que possuía a crença de que ela pudesse alterar a decisão da justiça.

Ao escutar este delírio, a analista pôde identificar alguns significantes importantes referentes à sua dificuldade na relação com as mulheres e o lugar que sentia ocupar na família e na sociedade – o de “ninguém”. Fala que um homem tem que saber tocar uma mulher, que é o sexo frágil, o sexo oposto. Afirma não saber como tocar uma mulher. Tem pensamentos de masturbação. Relata “o CAPS abandonou o meu caso”, referindo-se a não-inclusão de sua família, principalmente seu pai, no tratamento e a não ter-lhe ajudado no seu processo com a justiça. Relata uso de drogas que lhe trouxeram imagens alucinógenas e revelações – a de que nada daria certo na sua vida. Uma voz lhe disse que não era nada.

Em discussão posterior, a equipe identifica alguns sinais que o paciente havia trazido previamente à crise que dava notícias sobre o que estava em jogo: em determinada consulta questiona à médica se não se incomoda de atender um paciente homem e mais velho, e em outra consulta traz sonho em que teria quebrado o CAPS e a polícia era chamada.

Acreditamos que escutar o delírio e o momento de uma crise psicótica como algo que diz respeito ao que está em jogo nesta dinâmica subjetiva, recolhendo os significantes que emergem nestes momentos, é de extrema importância na direção da cura não só deste sujeito, mas de todos aqueles que buscam o trabalho da psicanálise.

Sobre o artigo

Recebido: 24/04/2013

Aceito: 21/05/2013

Referências bibliográficas

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XII, p.121-133.

FREUD, S. O recalque (1915). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV, p.145-162.

FREUD, S. A negativa (1925). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 261-269.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.152-194.

LACAN, J. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud (1954). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.370-382.

LACAN, J. **R. S. I – Seminário 1974-1975**, Inédito.

LACAN, J. **O seminário, Livro 03: As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

VIDAL, E. Verwerfung e/ou forclusão. **Revista da Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro**, ano XXIV, n.36, p.151-161, 2005.